

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Bristol, Reino Unido)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**VOLUME COMEMORATIVO DO
XX ANIVERSÁRIO**

do

**Centro de Estudos Arqueológicos
do Concelho de Oeiras**

(Câmara Municipal de Oeiras)

1988 - 2008

Editor Científico:
João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

ESTATUETAS DO NEOLÍTICO FINAL E DO CALCOLÍTICO DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS) E O SIMBOLISMO A ELAS ASSOCIADO*

João Luís Cardoso¹

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão apresentados os cinquenta e três artefactos relacionados com o simbólico recolhidos no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), de cerâmica, osso e pedra polida ou afeiçãoada. Embora alguns já tenham sido por diversas vezes publicados, é a primeira vez que se apresenta um estudo do conjunto sobre a colecção reunida, no decurso das escavações ali realizadas entre 1983 e 2002, incluindo os que até agora se mantinham inéditos.

2. LOCALIZAÇÃO E BREVE CARACTERIZAÇÃO CRONOLÓGICA-CULTURAL

O povoado pré-histórico de Leceia situa-se em esporão rochoso constituído por calcários recifais do Cenomaniaco superior, formando escarpa voltada a sul, dominando, do alto da encosta direita, o vale da ribeira de Barcarena, a cerca de três quilómetros, em linha recta, da sua confluência com o estuário do Tejo (Fig. 1).

Embora o sítio fosse já conhecido desde 1878 (RIBEIRO, 1878), constituindo o primeiro povoado pré-histórico objecto de uma publicação monográfica em Portugal, as escavações sistemáticas tiveram apenas início em 1983, prosseguindo ininterruptamente nos vinte anos seguintes, sob a direcção do signatário (CARDOSO, 2003). A concretização de tão ambicioso e prolongado programa de trabalhos permitiu evidenciar um vasto e complexo povoado fortificado, ocupando uma área de cerca de 11 000 m², integrando três linhas defensivas, reforçadas exteriormente por bastiões de planta semi-circular, constituídos por grandes blocos calcários de origem local, cimentados por argamassa de argila carbonatada margas, também disponível localmente.

A estratigrafia confirmou a larga diacronia na ocupação da plataforma, já indicada pela variedade tipológica dos materiais previamente encontrados, com início no Neolítico Final, ao longo da segunda metade do IV milénio a.C., caracterizada pela existência de duas produções cerâmicas características, os recipientes carenados e os de bordos denteados (CARDOSO, 2007). Sucede-se, após um curto período de abandono, que poderia corresponder a algumas dezenas de anos (CARDOSO & SOARES, 1995, 1996), a construção, nos primórdios do Calcolítico Inicial (2900/2800 a.C.), e de uma só vez, do referido dispositivo defensivo, o qual viria a conhecer ulteriores arranjos e reforços; corresponde-lhe do ponto de vista do registo material, as produções cerâmicas decoradas por cane-

* Desenhos de B. L. Ferreira. Fotos de B. L. Ferreira, de M. C. André e de J. L. Cardoso.

¹ Professor catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

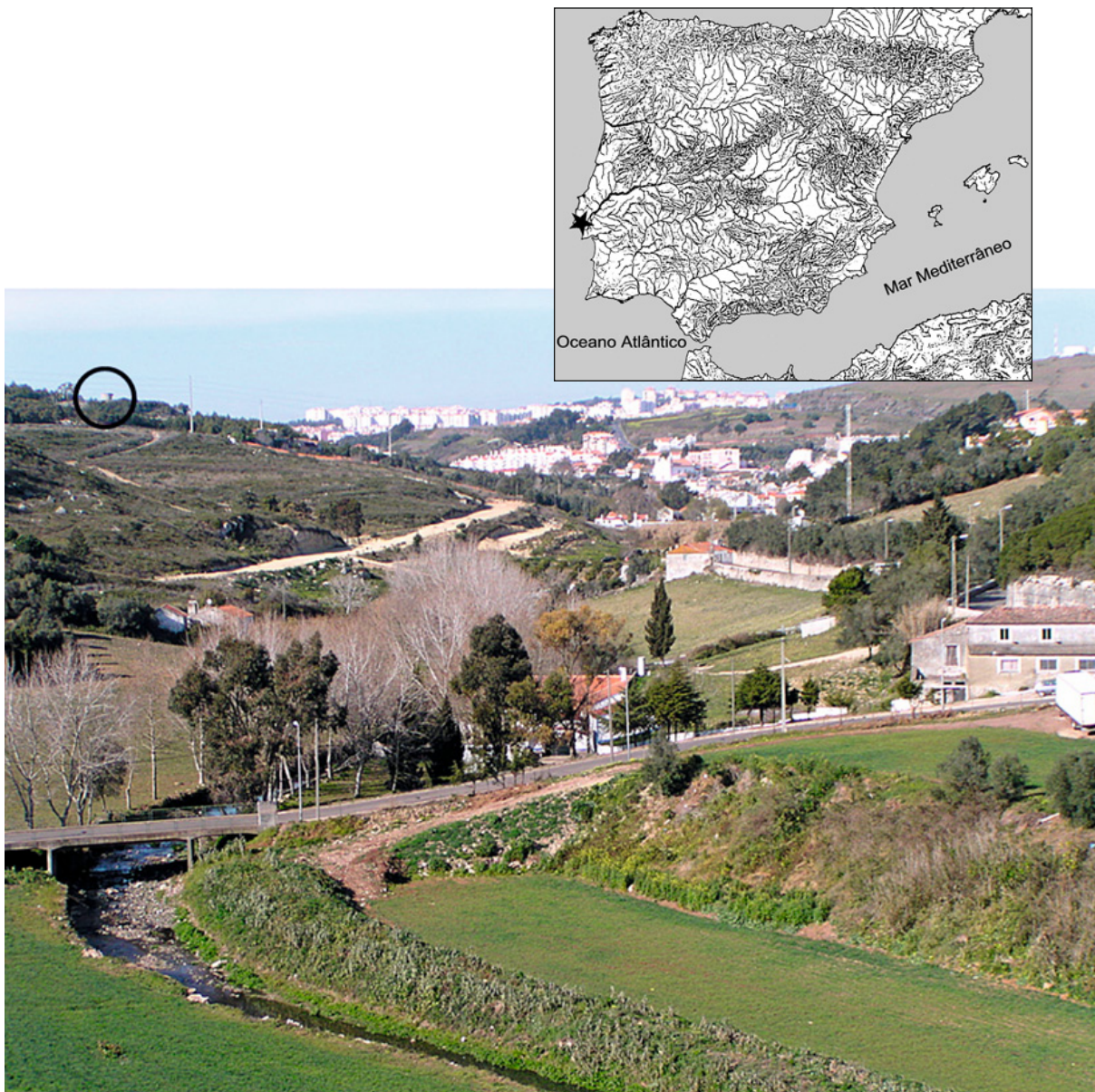


Fig. 1 – Localização do povoado pré-histórico de Leceia no curso inferior da ribeira de Barcarena (visto de jusante para montante) e na Península Ibérica.

luras, de fina manufactura, representadas pelos recipientes de paredes verticais e fundo em geral levemente convexo, com decorações geométricas – são os chamados “copos” – os quais, cerca de 2600/2500 a.C. são por sua vez substituídos pelas produções características do Calcolítico Pleno: os padrões em “folha de acácia” e em “crucífera”, aplicados tanto a grandes recipientes esféricos (“vasos de provisões”), como a recipientes de menores dimensões, sucedâneos dos já produzidos anteriormente. É nesta etapa da ocupação do sítio que se verifica a emergência das produções campaniformes, as quais acompanham, a partir dos finais da primeira metade do III milénio a.C., as produções anteriores, antes do abandono definitivo do povoado verificado no final do 3º. Quartel do referido milénio.

3. INVENTÁRIO

Os exemplares a que se atribuiu significado ideotécnico, de barro, osso, marfim e rochas diversas, com predomínio quase exclusivo do calcário, provêm de depósitos arqueológicos reportáveis às três fases culturais acima sumariamente referidas, respectivamente a C. 4 (Neolítico Final); a C. 3 (Calcolítico Inicial); e a C. 2 (Calcolítico Pleno). Desta forma, serão descritos, sucessivamente, tendo presente a respectiva cronologia, conforme a seguir se indica, correspondendo a respectiva sequência numérica, indicada em cada uma das figuras à sua localização na planta da área escavada, que corresponde à Fig. 30.

3.1. Neolítico Final

São seis os artefactos ideotécnicos que provêm de contextos do Neolítico Final, a seguir descritos.

Estatuetas zoomórficas. Duas estatuetas de terracota (porcas) de coloração vermelho-acastanhada, e interior anegrado. A superfície mostra-se regularizada e com aguada avermelhada; foram reconstituídas a partir dos fragmentos recolhidos na C.4, atribuída à referida cronológico-cultural (Fig. 2 a 4).

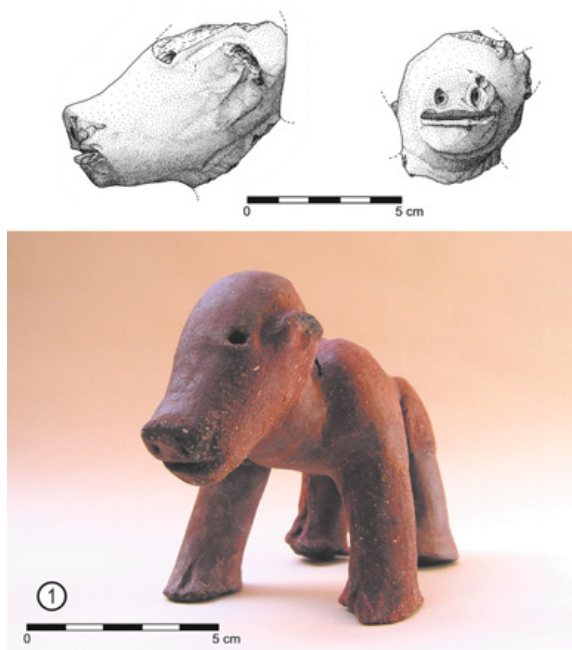


Fig. 2 – Pormenor da cabeça de uma das porcas de terracota e respectivo exemplar reconstruído. Neolítico Final.

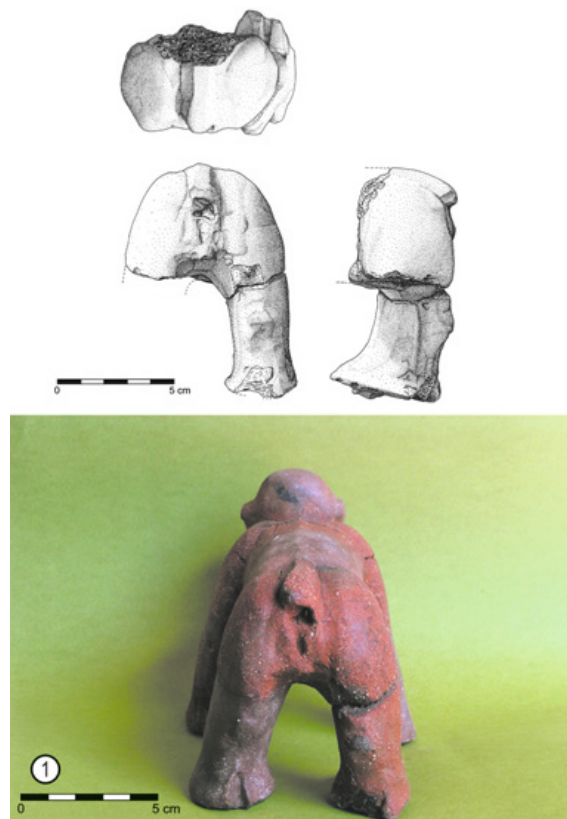


Fig. 3 – Pormenor da parte posterior do corpo da porca de terracota da Fig. anterior, evidenciando-se o realismo com que foi representada a região vaginal, destacando-se a zona dos grandes lábios muito proeminentes, característica da época do cio. Neolítico Final.



Fig. 4 – Pormenor da cabeça do segundo exemplar representando porca, recolhido junto do anterior, e respectiva reconstrução. Neolítico Final.

O interior é cinzento-anegrado, e encontra-se incompleto na parte proximal, além de mostrar pequenas fracturas e partes em falta (Fig. 5).

A sua atribuição ao Neolítico Final decorre da própria natureza fálica, já que, como se sabe, no Calcolítico, o princípio masculino foi geralmente substituído pela omnipresente divindade feminina, a deusa-mãe que, sob múltiplas formas, atributos e suportes, tão bem se encontra representada em Leceia, como adiante se verá.

São muito escassas as representações fálicas sob a forma de pequenas estatuetas, na pré-história portuguesa. Um dos exemplares mais notáveis, afeiçãoado em calcário, provém de uma das grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela, e possui cerca de 60 mm de comprimento máximo e secção elipsoidal (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961, Pl. II).

Outro exemplar, com cerca de 110 mm de comprimento, igualmente de calcário, provém do monumento funerário da Praia das Maças (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969, Pl. G, n.º. 83); desprovido de indicações estratigráficas, pode pertencer tanto à fase neolítica como às fases mais modernas de ocupação daquele complexo hipogeio, ali identifi-

Nota-se que um exemplar comprova o carácter feminino das representações, com a indicação clara do órgão sexual, incluindo a região dos grandes lábios, de modo muito realista, atribuível a porca na época do cio (Fig. 3).

É de salientar este facto, o qual, associado à natureza do próprio animal representado, conhecido pelo seu carácter prolífico, está evidentemente associado à representação da fertilidade (CARDOSO, 1996).

Pode afirmar-se, em conclusão, que, no decurso da segunda metade do IV milénio a.C., a crescente importância da economia agro-pastoril, depois reforçada, ao longo de todo o III milénio a.C., justificou a existência de tais estatuetas, simbolizando a cada vez maior dependência das comunidades das boas colheitas e da abundante procriação dos animais domésticos, à qual não escaparia a que se encontrava sedeada em Leceia.

Estatueta fálica. Também de terracota e atribuível ao Neolítico Final é uma estatueta fálica conservada na colecção do escultor Álvaro de Brée (CARDOSO, 1980, 1981), já publicada (CARDOSO, 1995 a). Tal como os exemplares anteriores, a superfície apresenta-se castanho-avermelhada e regularizada, possuindo ténue engobe, ou aguada avermelhada, ainda que muito mal conservada.



Fig. 5 – Ídolo fálico de terracota, incompleto na parte inferior, evidenciando a abertura do meato uretral. Note-se a existência de uma aguada avermelhada em todo o exemplar, idêntica à que revestia as duas estatuetas. Recolha de superfície atribuível ao Neolítico Final.

çadas ulteriormente (GONÇALVES, 1982/1983). Pode ainda referir-se uma estatueta de terracota, de aspecto fálco, recolhida na *tholos* do Escoural (SANTOS & FERREIRA, 1969), naturalmente já calcólítica, por vezes confundida com os comuns corniformes de cunho doméstico, destinados ao apoio de recipientes ao lume (suportes de lareira).

Cilindros com cabeça achatada. Recolheram-se três exemplares de terracota, dos quais dois já tinham sido objecto de publicação (CARDOSO, 1989, Fig. 10 n.º 2; CARDOSO, 1997, p. 100), antes de terem sido reconstituídos. Pela sua morfologia, podem considerar-se como os precursores tanto dos chamados “ídeos de gola” ou de “tipo garrafa”, como dos ídeos-cilíndricos de calcário, sendo estes últimos particularmente abundantes na região ao longo do Calcolítico (Fig. 6). A representação antropomórfica atribuída a estas pequenas estatuetas, sejam de terracota, como é o caso, ou de pedra, encontra-se sublinhada pela existência de uma extremidade superior achatada, corporizando uma “cabeça” individualizada do corpo de tais objectos. A tradição de fabrico de ídeos-cilíndrico de cerâmica, embora tenha praticamente desaparecido no Calcolítico, encontra-se comprovada por exemplar recolhido no povoado fortificado de Vila Nova de São Pedro, ostentando tatuagens faciais (PAÇO & JALHAY, 1939, Fig. 13). Esta peça pode ser considerada, deste modo, como sucedânea dos exemplares em apreço, comprovando a sua origem local.

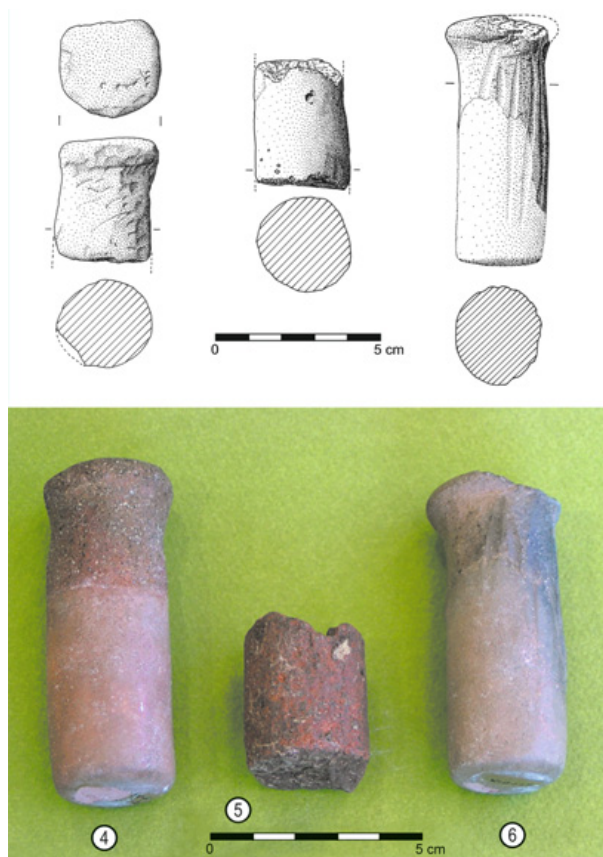


Fig. 6 – Três ídeos-garrafa, de corpo cilíndrico e cabeça achatada, de terracota, todos incompletos. Neolítico Final.

3.2. Calcolítico Inicial

No Calcolítico Inicial de Leceia ocorrem alguns exemplares exclusivos desta fase cultural, cuja simbologia os conota com a grande deusa-mãe, que, sob múltiplas representações e tipos de suporte, dominou todo o III milénio a.C. Por vezes, a referida simbologia ocorre em objectos de uso comum, cuja utilização poderá, por tal facto, ser associada a práticas rituais, explicação que se afigura natural, tendo presente o facto de, em sociedades primitivas, o mundo profano e o sagrado se encontrarem fortemente interligados: o quotidiano era condicionado e pontuado por princípios e práticas do foro simbólico-religioso, cuja real importância se afigura difícil de avaliar na actualidade. Alguns artefactos adiante caracterizados documentam, justamente, tal realidade.

Onde a expressão da divindade melhor se afirma, é nos cilindros de calcário, lisos ou decorados, que são extremamente comuns na Estremadura portuguesa. Além dos povoados – locais em eram produzidos e nos quais integravam, provavelmente, pequenos altares, públicos ou domésticos – ocorrem em numerosas sepulturas colectivas, onde a sua presença se pode conotar, muito provavelmente, com o renascimento ou a vida após a morte. Com efeito, a deusa, simbolizando a ideia de fertilidade e fecundidade, representaria também o princípio do renascimento e da regeneração da vida.

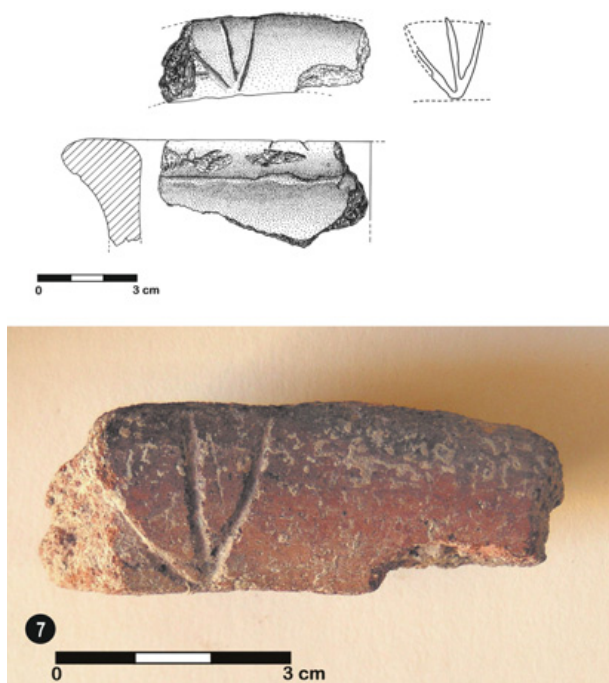


Fig. 7 – Fragmento de bordo de grande recipiente, possuindo gravado, no lábio, após a cozedura, o triângulo púbico feminino. Calcolítico Inicial.

reductor. Ostenta uma gravação em forma de tridente, com uma curvatura no vértice (Fig. 8). Inédito até o presente, a referida representação foi provavelmente obtida, como no primeiro exemplar, por incisão e abrasão pós-cozedura.

Em conclusão, estes dois recipientes encontrados em Leceia, teriam inicialmente, como tantos outros análogos, uma função meramente utilitária; mas, por via das representações neles gravadas, terão adquirido conotação com actividade específica, directamente associada ao sexo feminino, adquirindo estatuto de verdadeiros símbolos, marcadores de diferenças, no trabalho quotidiano em que seriam utilizados, sem ignorar a possibilidade de constituírem recipientes litúrgicos, usadas em práticas cujos contornos hoje nos escapam.

Recipientes com mamilos simbólicos. Neste grupo, salienta-se um fragmento completamente coberto de protuberâncias cónicas, de pasta grosseira, com e.n.p. de quartzo moídos e cozedura oxidante (Fig. 9). A presença de tais protuberâncias, conhecidas desde o Neolítico Antigo até o Bronze Final na região da Baixa Estremadura, tem sido nuns casos associada

No total, reportam-se a esta fase cultural vinte artefactos ideotécnicos, que a seguir se caracterizam.

Recipientes com representação sexual feminina, gravada no bordo. Recolheram-se dois exemplares. O primeiro, corresponde a bordo espessado, com lábio convexo, de grande recipiente liso, de carácter utilitário (Fig. 7), de pasta grosseira e coloração castanho-avermelhada. Na parte superior do lábio, que é convexo, foram gravados, após a cozedura, dois traços convergentes, formando um ângulo agudo cuja bissectriz corresponde a um terceiro traço. Trata-se de representação geométrica conotável com o triângulo sexual feminino (CARDOSO, 1995 a, Fig. 3, nº. 2), conclusão aliás reforçada pela ocorrência da mesma representação em outros tipos de suportes: é o caso de diversos pesos de tear recolhidos no povoado calcolítico fortificado de Outeiro Redondo, Sesimbra (escavações inéditas do signatário), relacionados com actividade doméstica atribuível às mulheres.

O segundo exemplar é idêntico ao anterior: como este, trata-se de bordo espessado, com lábio convexo, de grande recipiente liso, embora com coloração negra, denunciando um ambiente de cozedura fortemente

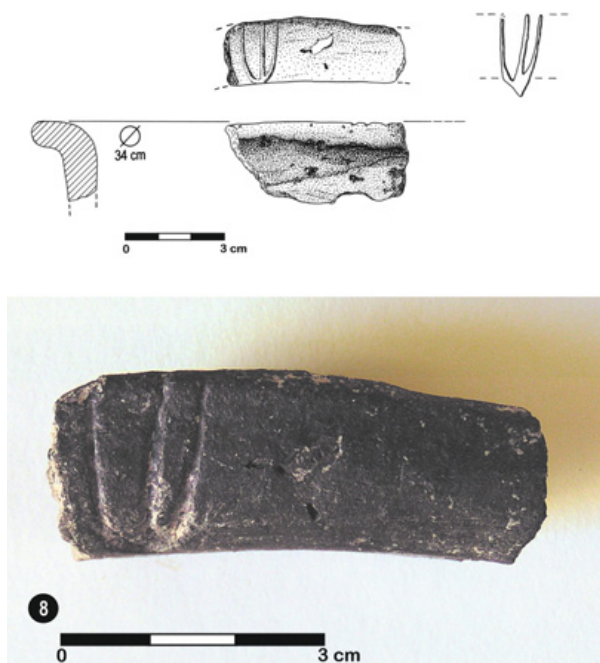


Fig. 8 – Fragmento de bordo de grande recipiente, possuindo gravado, no lábio, após a cozedura, o triângulo púbico feminino, aproximando-se do exemplar anterior. Calcolítico Inicial.

a representações simbólicas – caso de ocorrerem aos pares, numa evidente alusão ao princípio feminino – ou a mera finalidade prática, favorecendo a prensão dos recipientes, sejam ou não perfuradas. No caso em apreço, afastada esta última hipótese, pode admitir-se uma conjugação entre o simbolismo e a estética, revelada pela preocupação de ocupar todo o espaço disponível. Exemplos com este padrão simbólico/decorativo são extremamente raros no Calcolítico da Estremadura; citam-se, como próximos do exemplar de Leceia, os recolhidos no povoado fortificado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, dos quais, o mais completo, ostenta uma faixa de pequenos mamilos em torno da abertura do vaso, a que se segue, no bojo, decoração de faixas onduladas, obtidas por incisão de matriz denteada (pente) (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. XXV, nº. 8).

3.3. Calcolítico Pleno

Ao Calcolítico Pleno reportam-se vinte e sete artefactos, alguns deles exclusivos a esta fase cultural, sendo outros comuns também à anterior.

A diversidade de representações simbólicas e o seu número aumenta, face às ocorrências registadas nas duas anteriores fases. Os exemplares que são dela exclusivos descrevem-se de seguida.

Recipientes com representação facial. Trata-se de fragmento de vaso de paredes direitas e bordo levemente espessado, formalmente afim dos “copos” do Calcolítico Inicial, de pasta média, com cozedura em ambiente oxidante com final redutor, como indica a coloração anegrada da superfície, por comparação com o núcleo, que é castanho-avermelhado (Fig. 10).

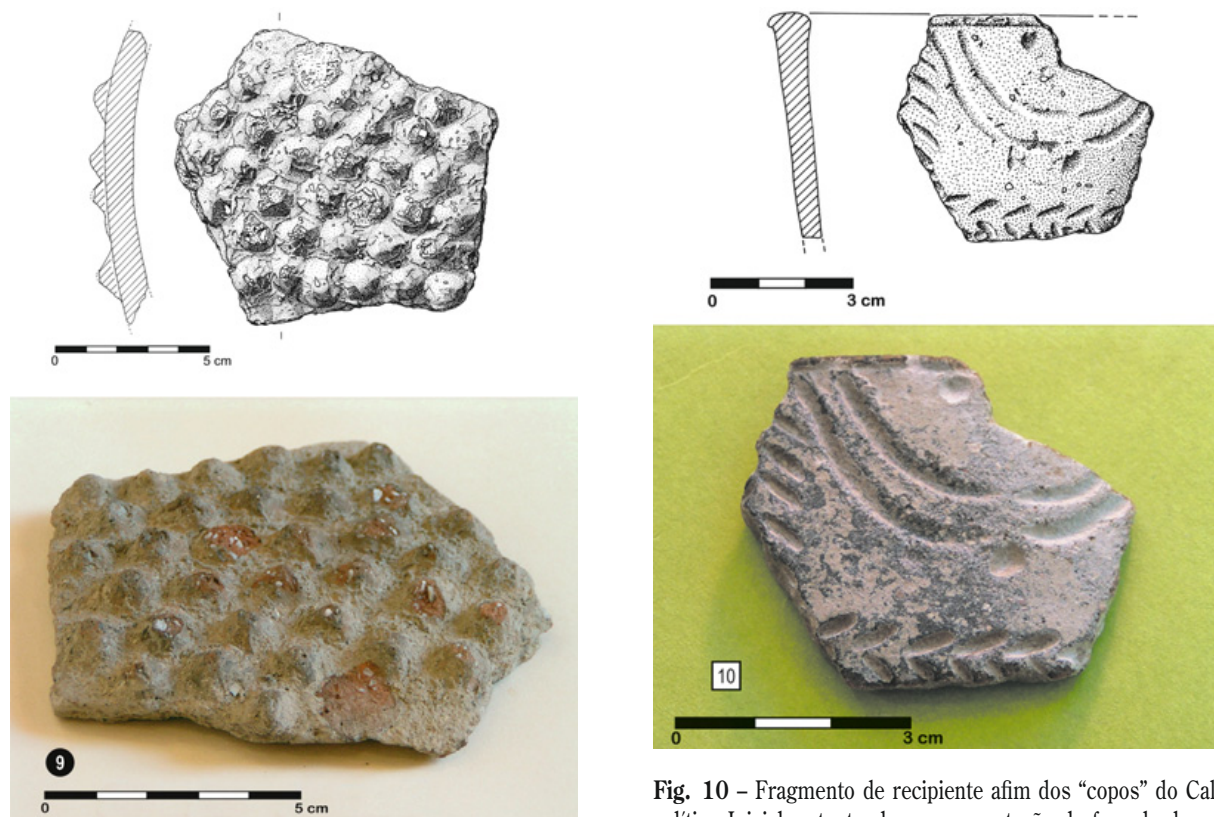


Fig. 9 – Fragmento de recipiente com profusa decoração mamilada, de carácter por certo também simbólico. Calcolítico Inicial.

Fig. 10 – Fragmento de recipiente afim dos “copos” do Calcolítico Inicial, ostentando a representação da face da deusa calcolítica, com olhos punctiformes e tatuagens faciais simétricas. Calcolítico Pleno.

O carácter simbólico deste recipiente é conferido pela existência, dentro de uma cartela rectangular, delimitada superiormente pelo bordo e dos restantes lados por três faixas com padrão em “folha de acácia”, típico do Calcolítico Pleno da Estremadura, de dois pares simétricos de segmentos curvilíneos, obtidos por caneluras largas e pouco profundas, configurando o motivo usualmente designado por “tatuagens faciais”. Tal motivo é recorrente em numerosos cilindros de calcário recolhidos em estações da Estremadura e do sul do país – alguns também recolhidos em Leceia, serão adiante tratados – bem como em outros suportes, mais claramente antropomórficos, como as duas estatuetas de barro, de características marcadamente femininas, recolhidas respectivamente nos povoados calcolíticos fortificados de Pedra de Ouro Alenquer (PAÇO, 1966 Fig. 17) e de Vila Nova de São Pedro Azambuja (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. XX, n.º. 1).

Numa das grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela, recolheu-se uma taça baixa, de paredes verticais, com decoração afim (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961, Pl. X, n.º. 107, 108), também idêntica à de diversos cilindros de calcário do Algarve, de grande barroquismo, designados por de “tipo Moncarapacho” (GONÇALVES, 1978; RODRIGUES & MACIEL, 1997). Estes, remetem claramente para os elementos figurativos presentes em ídolos e cerâmicas recolhidos em Los Millares e conhecidos desde os trabalhos pioneiros dos irmãos Siret, que os associaram à representação do polvo (SIRET, 1907, Pl. III, IV). No conjunto dos recipientes, merecem particular destaque os recolhidos nas sep. 4, 15 e 37 de Los Millares.

Um dos mais notáveis exemplares de recipiente com decoração simbólica é o recolhido na *tholos* do Monte do Outeiro, Aljustrel (VIANA; FERREIRA & ANDRADE, 1961). Tal como o exemplar de Leceia, possui forma afim dos “copos” calcolíticos da Estremadura, com paredes quase direitas, levemente côncavas e fundo levemente convexo, como se verifica na maioria daqueles exemplares. A zona frontal encontra-se integralmente ocupada por representação antropomórfica, correspondente a face com grandes olhos radiados, sobrepostos por sobrancelhas e separados por linha vertical, simbolizando o nariz, que termina inferiormente em triângulo púbico feminino, numa alusão explícita à natureza sexuada da representação. Triângulos púbicos alternados desenvolvem-se, depois, em duas faixas horizontais paralelas, a toda a volta do recipiente. É notória a semelhança das tatuagens faciais desta peça, representadas por linhas onduladas, com a do fragmento em questão.

Ainda que de carácter predominantemente meridional, com evidentes ligações mediterrâneas, a ocorrência de vasos com decorações simbólicas estende-se até ao limite setentrional do território português, como comprova o exemplar com olhos radiados, sobrancelhas e tatuagens faciais recolhido no povoado calcolítico de São Lourenço, Chaves (JORGE, 1986, Est. CVI).

No caso do exemplar de Leceia, os olhos radiados encontram-se substituídos por duas depressões punctiformes (das quais apenas se conserva uma), semelhantes aos dois botões em baixo relevo que se observam no ídolo de calcário da gruta artificial de Folha das Barradas, Sintra (RIBEIRO, 1880, Fig. 87, 88), que evidencia estreitas analogias com este fragmento. O referido exemplar ostenta ainda uma lúnula, também produzida em baixo-relevo na sua parte média, pelo que poderá ser conotado com uma divindade feminina, de cariz lunar, conclusão aliás reforçada pela proximidade do local da serra de Sintra, onde se prestava culto a tal divindade até o período romano: o “Monte da Lua”, dos Romanos, sublinhado pela existência, até o século XVI, na foz da ribeira de Colares, sobre o oceano, de vestígios de um templo romano consagrado ao Sol e à Lua, segundo desenho de Francisco d’Holanda (SEGURADO, 1970). A presença de crescentes de calcário, encontrados em diversas necrópoles calcolíticas das redondezas, como já há muito foi verificado (JALHAY & PAÇO, 1941), mais sublinha o carácter sagrado daquele acidente orográfico e a sua conotação com o culto lunar, também ele associado à crença na renovação e regeneração (neste caso, dos defuntos, já que tais objectos constituíam dádivas funerárias).

De cunho indiscutivelmente ritual, desconhece-se, contudo, qual a natureza da utilização particular dos recipientes como o recolhido em Leceia, os quais se poderão conotar com cerimónias onde a manipulação da água ou de outros líquidos teria evidente importância.

Primeiras falanges, afeiçoadas por polimento, lisas ou decoradas. Recolheram-se três exemplares de primeiras falanges, dos quais dois decorados, sendo um de veado (Fig. 11, n.º 11) e outro cavalo (Fig. 11, n.º 12) e dois lisos, ambos de cavalo (Fig. 12). A selecção destas peças resulta do seu formato claramente antropomórfico, o qual facilitaria a produção de artefactos ideotécnicos. Com efeito, um dos exemplares (Fig. 12, n.º 13), mostra apenas ligeiros traços de polimento, podendo, no entanto, ter sido pintado. Outro, evidencia polimento generalizado a toda a superfície, incluindo ambas as extremidades e, tal como o anterior, poderia ser pintado (Fig. 12, n.º 14). Esta hipótese encontra-se comprovada em diversos exemplares, como o decorado e pintado recolhido no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro (PAÇO & JALHAY, 1938, p. 31).

Dos exemplares decorados, um corresponde a pequeno fragmento de porção da extremidade articular distal da primeira falange, a qual, no ídolo original ocuparia parte da sua extremidade superior (Fig. 11, n.º 12). Lateralmente, observa-se um conjunto de linhas paralelas, formando ângulo agudo, as quais corresponderiam a parte da cabeça do ídolo, ocupada pela cabeleira, correspondente ao prolongamento das tatuagens existentes na zona frontal em falta, onde se encontrariam também representados os olhos radiados, sobrancelhas arqueadas e outros atributos antropomórficos, presentes tanto em exemplares da Estremadura, do sul de Portugal e da Andaluzia (CARDOSO, 1995 b). Tal como os cilindros de calcário, alguns destes exemplares ostentam o atributo sexual da divindade, representado pelo triângulo púbico, presente no recolhido na *tholos* da Cabecito de Aguilar, na parte da face ventral da falange (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 29).

Todos os exemplares até agora descritos correspondem a primeiras falanges de cavalo. Excepcionalmente, ocorrem exemplares em falanges de outros animais, como bovídeos – é o caso de um dos exemplares do altar identificado no interior da Lapa da Bugalheira, Torres Novas, onde, de entre as cerca de uma dezena de peças recolhidas agrupadas, uma corresponde a primeira falange de bovídeo (CARDOSO, 1995 b), ou cervídeos. A esta categoria pertence a primeira falange de veado (*Cervus elaphus*), decorada junto da extremidade proximal da falange por dois sulcos perimetrais paralelos (Fig. 11, n.º 11), afeiçoando desta forma uma cabeça isolada do

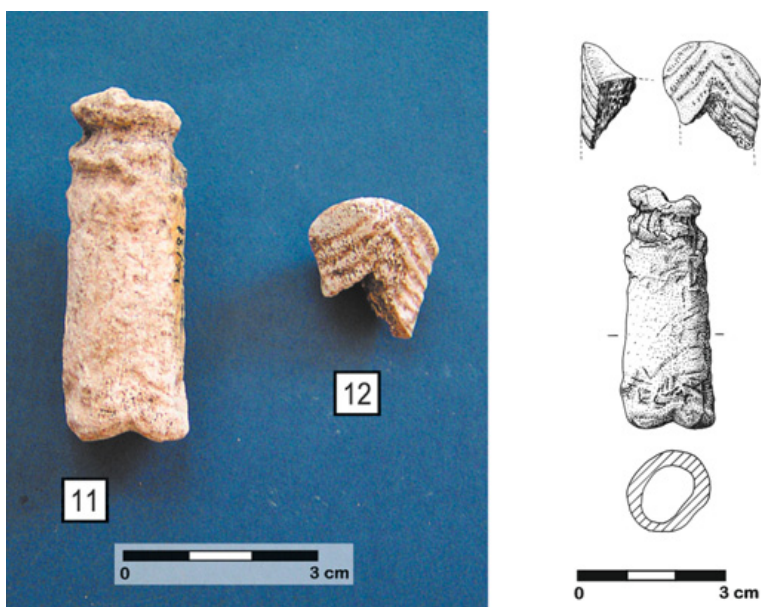


Fig. 11 – Ídolos-falange decorados. À esquerda, sobre uma primeira falange de veado, munida de duas caneluras proximais, talvez destinadas à suspensão do objecto; à direita, sobre uma primeira falange de cavalo, de que apenas se conservou parte de um dos côndilos distais, polida e gravada. Calcolítico Pleno.

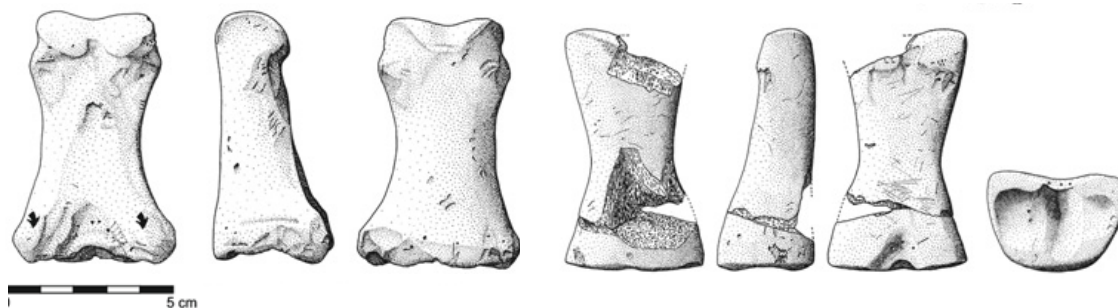


Fig. 12 – Ídolos-falange lisos, afeiçoados por polimento, muito mais intenso no exemplar da direita. Calcolítico Pleno.

corpo da peça. Tais caneluras poderiam facilitar a fixação da peça a um fio ou cordão, transformando-a assim num pendente ou amuleto, à semelhança do que poderia verificar-se com os “ídolos de gola” ou de “tipo garrafa” a seguir tratados.

3.3. *Objectos comuns às ocupações do Calcolítico Inicial e do Calcolítico Pleno*

3.3.1. *“Ídolos de gola” ou de “tipo garrafa” (Fig. 13, n.º. 15-18; Fig. 14, n.º. 20)*

Sob esta designação têm sido descritos os pequenos cilindros, estreitos e alongados, por vezes com corpo bombeado (o que tem justificado a designação de “tipo garrafa”), de osso ou de marfim, abundantes em povoados calcolíticos e, sobretudo, em necrópoles; tal designação tem sido apoiada pela analogia com os ídolos de calcário de corpo cilíndrico ou tronco-cónico de cabeça achatada, mais ou menos individualizada, tal como os exemplares, recolhidos em Leceia, oriundos de contextos do Neolítico Final, e em diversas sepulturas calcolíticas de Los Millares. Alguns destes últimos possuem pares de mamilos no tronco, atributos que os relacionam directamente com a divindade feminina calcolítica. Em Portugal, foi dado a conhecer conjunto de nove ídolos de calcário deste tipo, recolhido em Pêra, Silves, dos quais cinco possuem a cabeça achatada, mais ou menos individualizada;

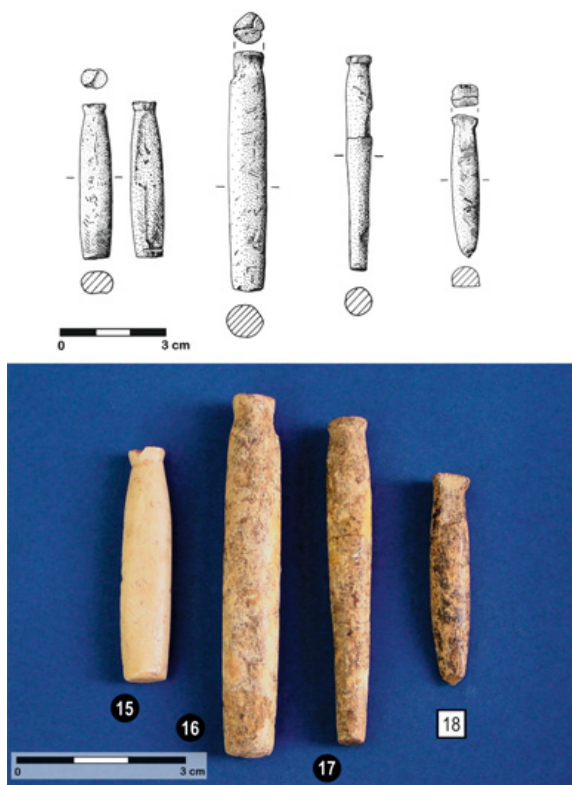


Fig. 13 – “Ídolos de gola” ou “tipo garrafa”, sendo três de osso, do Calcolítico Inicial e um de marfim (n.º 18), do Calcolítico Pleno.



Fig. 14 – Conjunto de artefactos de osso, todos do Calcolítico Inicial. Da esquerda para a direita: cilindro, “ídologola” e duas “baguettes”.

um deles, com um par de pequenos mamilos simbólicos, aproximam singularmente este conjunto, de características únicas no território português, das ocorrências do levante ibérico (CARDOSO, 2002).

Por outro lado, devem ter-se presentes os pequenos ídolos com cabeça recortada individualizada do corpo, afins dos ídolos de “tipo violino” de Tróia II, como os recolhidos na sep. 7 de Los Millares (LEISNER, 1945, Est. 7, n.º 51), os quais, por seu turno, possuem evidente analogia em algumas contas-amuleto, como a de Tituarria, de variscite (CARDOSO; LEITÃO & FERREIRA, 1987). Um destes pequenos exemplares, de rocha negra, em forma de garrafa com 62 mm de altura, possuindo colo alto, ostentando a extremidade superior dois olhos radiados, provém do povoado calcolítico de Alcalar, Portimão (MORÁN & PARREIRA, 2007, p. 28), e não deixa dúvidas quanto à sua conotação simbólica com a Deusa.

Sendo inquestionáveis as aludidas analogias, importa, por outro lado, ter presente a hipótese que os atribui a adornos corporais, aplicados tanto no lobo da orelha, como nas asas do nariz ou mesmo no lábio inferior (GOMES, 2005, p. 175, 176), com base em paralelos actuais. Com efeito, são diversas as sociedades etnográficas dos nossos dias ou há pouco desaparecidas, que recorriam a exemplares análogos para tais finalidades. Um dos exemplares mais notáveis, de rocha translúcida esbranquiçada polida e com cerca de 7 cm de comprimento, que poderia, sem dificuldade, ser classificado como um ídolo “tipo garrafa” do Calcolítico da Península Ibérica, provém das recolhas efectuadas nos finais do século XVIII no Amazonas, pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, e guarda-se na Academia das Ciências de Lisboa, onde foi mostrado ao signatário por deferência de M. Telles Antunes, Director do Museu da referida instituição Destinava-se a ser pendente do lábio inferior, apesar do seu evidente peso e

volume. Em concordância com o já por outros admitido (PAÇO & JALHAY, 1938, p. 30), os exemplares em apreço poderiam ainda, tal como o exemplar da Fig. 11, n.º 11, atrás descrito, serem utilizados como pendentes ou amuletos, cuja fixação a um fio ou tira de couro seria assegurada pela referida gola.

Quanto à matéria-prima, quatro exemplares são de osso (Fig. 13, n.º 15 a 17 e Fig. 14, n.º 20), sendo um único exemplar (Fig. 13, n.º 18) talhado em marfim (SCHUHMACHER & CARDOSO, 2007, Fig. 8). Apenas este exemplar é reportável ao Calcolítico Inicial, provindo os restantes quatro, de níveis de ocupação do Calcolítico Pleno.

3.3.2. “baguettes”

Sob esta designação inscrevem-se três exemplares alongados, dois de osso (Fig. 14, n.º 21 e 22) e quatro de calcite branca translúcida (Fig. 15, n.º 25; Fig. 16, n.º 30, 31 e 32), sendo estes últimos provenientes, respectivamente, de contextos do Calcolítico Pleno, Calcolítico Inicial e Neolítico Final (é provável que, neste último caso, o exemplar provenha de originalmente de um nível mais moderno). Apresentam-se totalmente polidos e possuem secções sub-retangulares, mais ou menos achatadas, característica que os diferencia dos ídolos-cilindro. A utili-

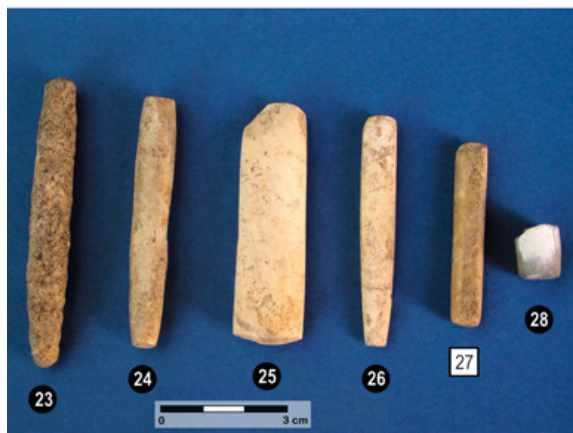


Fig. 15 – Conjunto de artefactos de osso, todos do Calcolítico Inicial, exceptuando o n.º 27, do Calcolítico Pleno. Da esquerda para a direita: cilindro, duas “baguettes” e três cilindros, o último dos quais em osso anegrado, incompleto, e endurecido pelo calor.

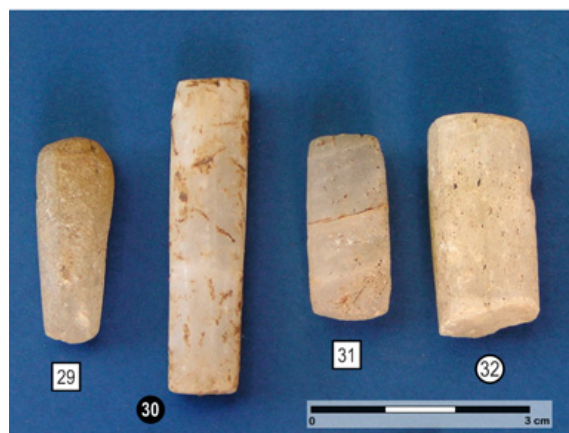


Fig. 16 – Conjunto de artefactos em calcite branca e translúcida. Da esquerda para a direita: cristal idiomorfo afeiçoado por ligeiro polimento (Calcolítico Pleno); e três “baguettes” totalmente polidas, atribuíveis respectivamente ao Calcolítico Inicial, ao Calcolítico Pleno e ao Neolítico Final, podendo esta última corresponder a uma intrusão mais moderna.

zação de uma matéria-prima nobre como é a calcite, muito branca e translúcida, conotável com a pureza e a vitalidade, reforça o carácter especial conferido a estes exemplares, ainda não devidamente valorizados em outros contextos pré-históricos portugueses. Com efeito, as únicas peças comparáveis, provêm de contextos funerários do Neolítico Final da região de Almería (LEISNER, 1945, Est. 1, 2, nº. 4 e 5).

3.3.3. Cristais afeiçãoados

Afim das peças anteriores, é um pequeno cristal idiomorfo de calcite, ligeiramente afeiçãoado por polimento (Fig. 16, nº. 29), recolhido em contexto do Calcolítico Inicial, o qual poderá constituir um pequeno artefacto ritual, a menos que fosse um objecto de adorno, ou amuleto. A escolha deste objecto, de um branco translúcido, como artefacto ideotécnico, depois de afeiçãoamento ligeiro, remete para as razões já atrás apontadas sobre a utilização de cristais, tal qual ou com ligeiras transformações, sobretudo verificada em contextos funerários da época.

3.3.4. Cilindros

Os cilindros, de diversas matérias-primas e dimensões, lisos ou decorados, correspondem aos artefactos ideotécnicos mais comuns nas estações calcolíticas estremenhas. Com evidentes antecedentes no Neolítico Final da Estremadura – como se comprova pelos exemplares de cerâmica recolhidos em Leceia, atrás descritos – a quase totalidade dos exemplares calcolíticos foi afeiçãoada em calcários brancos e duros, comuns em diversas unidades litostratigráficas do Jurássico e do Cretácico da Estremadura. Com efeito, além dos exemplares talhados a partir de blocos em bruto, importa desde já destacar a presença de hastes fossilizadas de crinóides, cuja forma natural, rigorosamente cilíndrica, justificou o seu aproveitamento directo (Fig. 17, nº. 34 e 36). Tão semelhantes se apresentam aos intencionalmente afeiçãoados que, não fosse a presença de um canal mediano e a existência de uma estrutura radiada, visível em vista basal, se confundiriam com aqueles.

Apesar da sua abundância regional, a escolha deste tipo litológico para a confecção de artefactos de carácter simbólico, mostra que a natureza do suporte, designadamente a sua coloração, imaculadamente branca, atributo de pureza e de vida – que aliás explica também a predilecção pelos cristais de quartzo hialino como oferendas funerárias – detinha importância determinante, sobrepondo-se este requisito à sua evidente banalidade. Tal conotação simbólica deve ser enquadrada no contexto geográfico alargado ao levante peninsular, para já não falar em domínios mais longín-



Fig. 17 – Conjunto de pequenos cilindros do Calcolítico Inicial e Pleno, dos quais dois aproveitando, com polimento sumário, hastes de crinóides jurássicos (nº. 34 e 36). Um outro é confeccionado em gabrodiorito (nº. 37), provavelmente rocha oriunda da serra de Sintra. Os dois restantes são de calcário, possuindo um, que se encontra fragmentado (nº. 33), evidentes marcas de fogo.

quos, como o Mediterrâneo Oriental onde, no decurso do Calcolítico, o calcário foi também eleito como rocha preferencial para a realização de artefactos ideotécnicos que, embora de aparência distinta, deteriam funções e significados semelhantes. Como já se sublinhou em anterior trabalho, dedicado ao conjunto do “altar” da gruta do Correio-Mor, Loures (CARDOSO *et al.*, 1995 b), a escolha do calcário para o fabrico de peças de tão marcado simbolismo terá resultado de uma ampla difusão de ideias, comuns, em determinada etapa da sua evolução, às populações da bacia mediterrânea, embora o mecanismo subjacente a tal difusão possa ser objecto de análise e discussão.

3.3.4.1. Cilindros lisos

Em Leceia, ocorrem cinco pequenos cilindros de osso, que, quando completos possuem uma forma mais alongada que os seus congéneres de calcário, aproximando-os das “baguettes”, atrás referidas (Fig. 14, n.º.19; Fig. 15, n.º. 23, 26, 27 e 28).

Sem considerar os dois exemplares aproveitados de hastes de crinóides jurássicos, Leceia forneceu onze cilindros lisos, dos quais apenas um é afeiçoado em rocha plutónica granular de coloração anegrada, provavelmente do grupo dos gabrodioritos (Fig. 17, n.º. 37), oriundo da Camada 3 (Calcolítico Inicial), sendo os restantes da calcário. Destes, apenas um (Fig. 17, n.º. 33), incompleto e de pequenas dimensões, provém do referido horizonte cultural. As marcas de fogo que ostenta, correspondentes a superfície anegrada, podem corresponder a um incêndio que tivesse atingido uma zona do povoado, onde se situasse um altar doméstico no qual este objecto se integrava, correspondendo, deste modo, a mais um argumento a favor da existência de tais áreas culturais no interior dos povoados.

Todos os outros cilindros lisos provém da Camada 2 (Calcolítico Pleno), estando representados exemplares de diversas dimensões (Fig. 17 a 20). Exceptua-se um exemplar de grandes dimensões, oriundo da Camada 3 (Calcolítico Inicial), cuja superfície, picada e apenas grosseiramente polida, evidencia ter sido abandonado em curso de preparação (Fig. 21), prova adicional de que tais objectos eram executados em contextos habitacionais, podendo ter, como destino, tanto oferendas funerárias, como a utilização no interior dos próprios povoados. Neste contexto, importa não esquecer que, em Vila Nova de São Pedro, a abundância destas e de outras peças de cunho ideotécnico é tal que, caso não se tivessem em conta os elementos do quotidiano, bem como as estruturas habitacionais a que se encontravam associados, se poderia ser levado a pensar que se trataria de um grande santuário e não de um povoado fortificado (GOMES, 2005).

3.3.4.2. Cilindros decorados

Todos os exemplares encontrados foram recolhidos em contextos do Calcolítico Pleno, confirmando-se assim as indicações já fornecidas, a tal respeito, pela distribuição dos cilindros de calcário lisos.

O mais notável cilindro decorado, num calcário branco muito fino e sacaróide, é o representado na Fig. 22. O seu carácter excepcional decorre da existência do triângulo púbico feminino, executado por incisão, no centro da peça, conferindo-lhe, como nenhuma outra conhecida, conotação directa com a divindade feminina calcolítica.

Desta forma, se a forma cilíndrica, comum a todos os numerosos exemplares conhecidos na Estremadura e sul de Portugal, pode ser interpretada como a representação antropomórfica mais simplificada e estilizada, aliás sublinhada pelos exemplares cujos atributos a reforçam, como os olhos radiados, sobranceiras, e tatuagens faciais, a presença deste atributo sexual permite relacionar directamente tais exemplares como mais uma modalidade de representação da deusa-mãe.

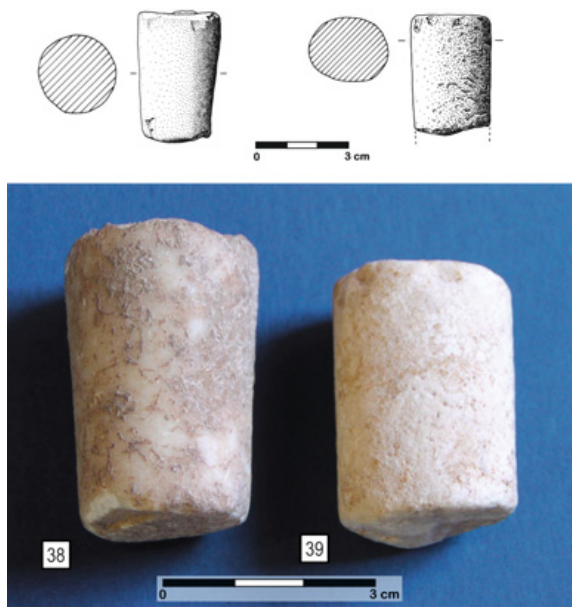


Fig. 18 – Cilindros de calcário, um incompleto, do Calcolítico Pleno.

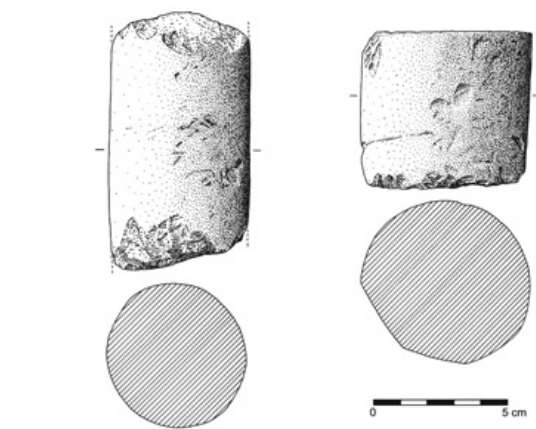


Fig. 20 – Cilindros de calcário, um incompleto, do Calcolítico Pleno.

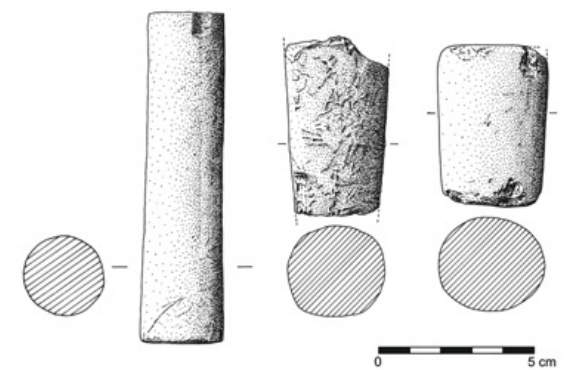


Fig. 19 – Cilindros de calcário, um incompleto, todos do Calcolítico Pleno.

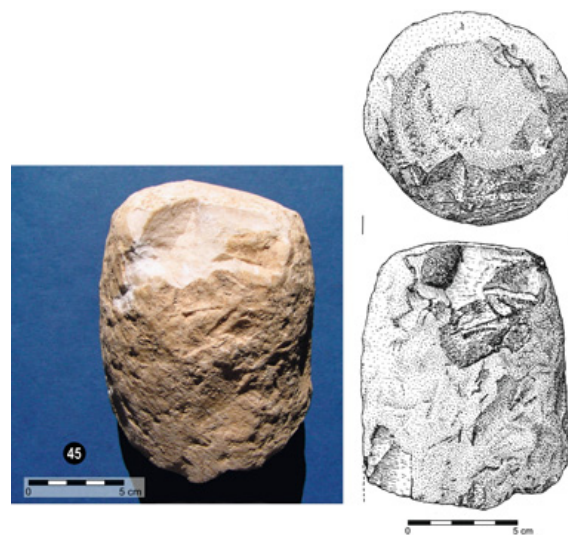


Fig. 21 – Cilindro de calcário, incompleto e inacabado, do Calcolítico Inicial.

Os outros três cilindros decorados de calcário recolhidos em Leceia, todos oriundos de contextos do Calcolítico Pleno, ostentam o motivo mais comum em tal tipo de peças: um par de linhas arqueadas simétricas, situadas perto de uma das extremidades, representando as tatuagens faciais da divindade (Fig. 23, 24 e 25). O da Fig. 25 apresenta-se reutilizado como pilão, como mostram as marcas de percussão existentes junto de uma das extremi-

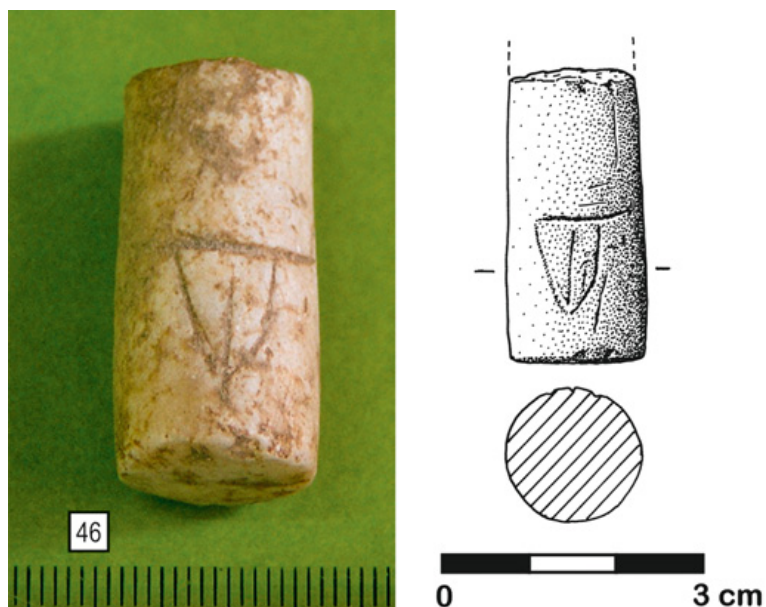


Fig. 22 – Pequeno cilindro de calcário incompleto, ostentando na parte inferior a representação do triângulo púbico feminino. Calcolítico Pleno.

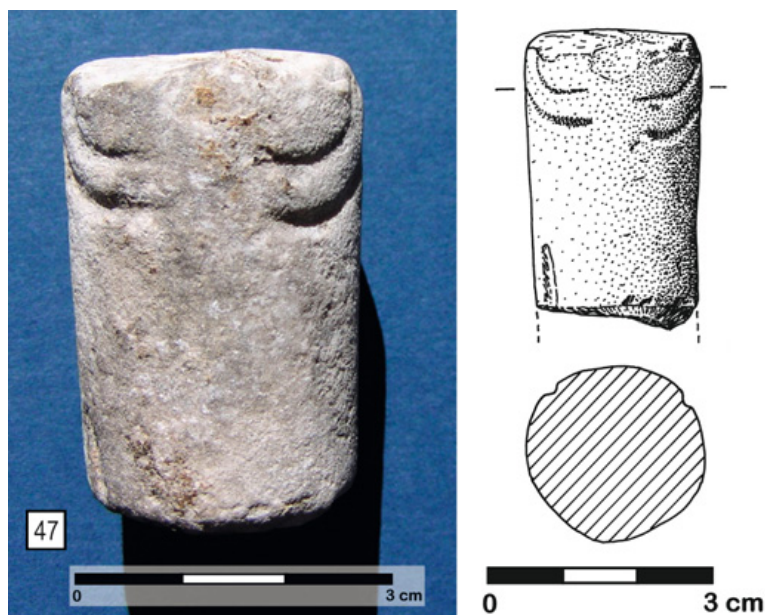


Fig. 23 – Cilindro de calcário incompleto, com a representação, na extremidade conservada, das tatuagens faciais da deusa. Calcolítico Pleno.

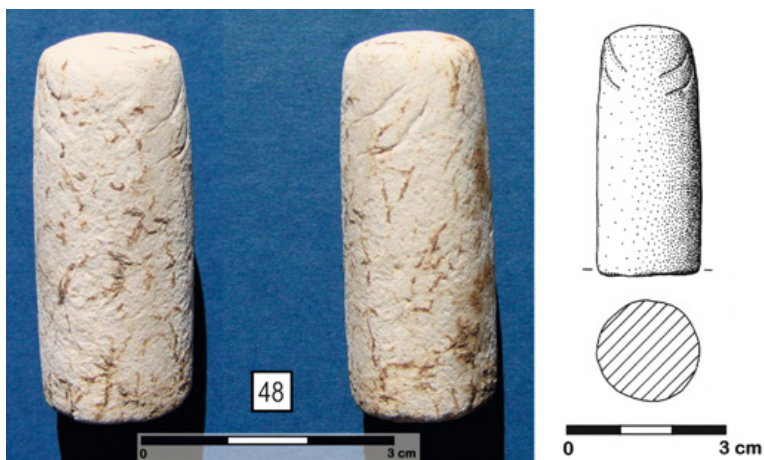


Fig. 24 – Cilindro de calcário ostentando numa das extremidades as tatuagens faciais da deusa. Calcolítico Pleno.

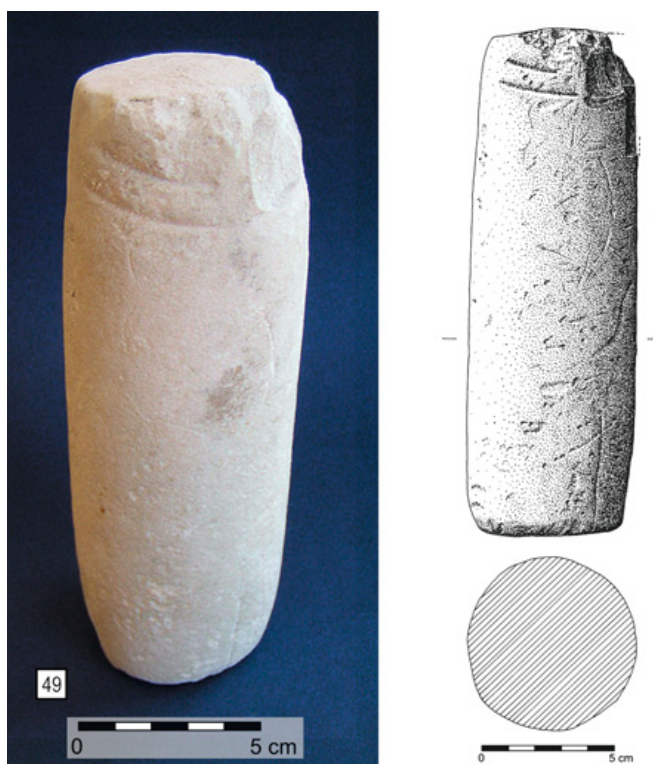


Fig. 25 – Cilindro de calcário ostentando numa das extremidades as tatuagens faciais da deusa, ulteriormente transformado em pilão, depois de perdida a carga simbólica que possuía. Calcolítico Pleno.

dades, precisamente a que se encontra decorada. Tal facto evidencia a perda da carga simbólica desta peça, transformada em simples artefacto utilitário; parece ser a primeira vez que se observa tal situação, que contrasta com o reconhecido apreço dispensado a outras peças similares de calcário da mesma área cultural, evidenciado pelo restauro depois de ocasionalmente fracturadas, ou pela manutenção em uso dos respectivos fragmentos

(CARDOSO *et al.*, 1996, p. 166), denotando que mantiveram a carga simbólica original, exactamente o contrário do verificado no exemplar em causa.

3.4. Recipientes conotáveis com práticas cultuais

Nesta categoria inscrevem-se quatro recipientes de calcário, os quais pela matéria-prima em que foram confeccionados, se podem conotar com actividades ou práticas associadas ao culto, tal como tem sido defendido noutros casos similares, como os recipientes recolhidos na *tholos* de Pai Mogo, Lourinhã (GALLAY *et al.*, 1973, p. 77). Todos provêm da ocupação do Calcolítico Pleno, reforçando a conclusão de que foi essa a época em que a utilização simbólica do calcário como matéria-prima atingiu o apogeu.

Dois dos recipientes são idênticos aos recolhidos em numerosas estações da Estremadura e sul de Portugal (Fig. 26 e 27). Trata-se de uma forma, maciça e pouco funda, que sugere a sua utilização como pequenos almarizes, provavelmente relacionados com substâncias utilizadas em práticas cultuais. Os dois outros recipientes (Fig. 28 e 29), ambos incompletos, pela sua morfologia, mais fundos que os anteriores e de paredes mais finas, especialmente o da Fig. 29, destinavam-se a conter substâncias, eventualmente líquidos ou ungentos, os quais poderiam resultar da preparação nos exemplares anteriores; encontram-se decorados externamente por finas caneluras paralelas ao bordo, possuindo evidentes analogias com os recipientes cerâmicos com idêntico padrão



Fig. 26 – Recipiente de calcário, destinado á preparação de substâncias usadas em rituais. Reconstituído. Calcolítico Pleno.



Fig. 27 – Recipiente de calcário, destinado á preparação de substâncias usadas em rituais. Calcolítico Pleno.

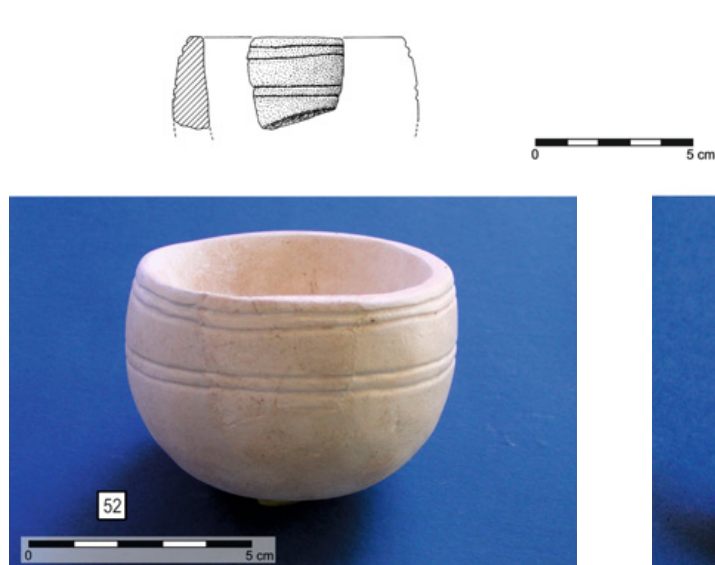


Fig. 28 – Recipiente de calcário decorado exteriormente por duas bandas de caneluras, destinado a recolher, antes da utilização, as substâncias usadas em rituais, preparadas em recipientes como os das duas figuras anteriores. Reconstituído. Calcolítico Pleno.



Fig. 29 – Fragmento de recipiente de calcário, de paredes finas, decorado por uma canelura abaixo do bordo, destinado, como o anterior, a recolher, antes da utilização, as substâncias usadas em rituais. Calcolítico Pleno.

decorativo, característico do Calcolítico Inicial da Estremadura, mas ainda com assinalável frequência no Calcolítico Pleno, como se verificou na distribuição estratigráfica das cerâmicas decoradas de Leceia (CARDOSO, 2007). Importa referir que os minúsculos recipientes cerâmicos, que ocorrem em diversas grutas funerárias da Estremadura, mas também em povoados, como o de Leceia, poderiam ter funções idênticas, sem excluir outras.

Os quatro recipientes descritos provêm de contextos do Calcolítico Pleno, o que reforça a conclusão de ter sido nesta fase cultural que o recurso ao calcário, como matéria-prima simbólica, atingiu o seu apogeu.

4. CONCLUSÕES

No decurso das escavações realizadas no povoado pré-histórico de Leceia, entre 1983 e 2002, foram recolhidos 53 artefactos conotáveis com práticas culturais, cujo conjunto pela primeira vez agora se publica. A respectiva distribuição estratigráfica denota evidente concentração na zona nuclear do povoado (Fig. 30), especialmente os pertencentes ao Calcolítico Inicial e ao Calcolítico Pleno.

Os seis exemplares provenientes da primeira ocupação, do Neolítico Final, são todos confeccionados em barro, avultando as duas estatuetas de porcas, muito bem modeladas, revelando a existência do culto de fertilidade desde a segunda metade do IV milénio na Estremadura. De época reportável também a esta primeira ocupação é um grande *phalus* de terracota, igualmente bem modelado, e, tal como os exemplares anteriores, com ligeira aguada ou englobe avermelhado, o qual evoca outro princípio vital: com efeito, o vermelho é uma cor tradicionalmente conotável às forças vitais e, por conseguinte, à fecundidade e à fertilidade; por outro lado, a coexistência entre estatuetas que corporizam a fertilidade feminina, com outras, representantes da masculinidade, deva ser salientada, pois, no decurso do Calcolítico, é o primeiro daqueles princípios vitais que se afirma de forma quase exclusiva.

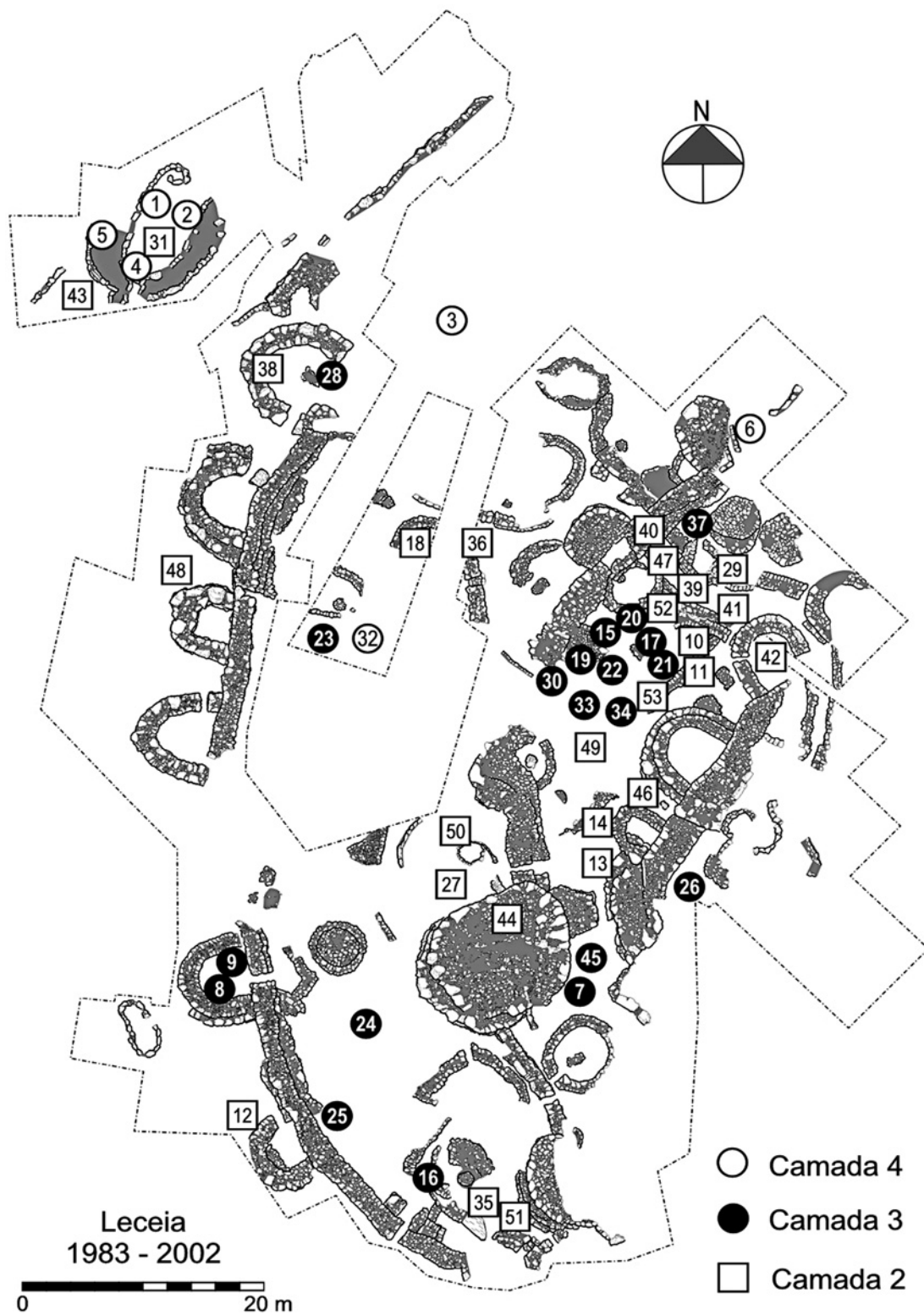


Fig. 30 - Planta simplificada do povoado pré-histórico de Leceia, com a localização dos cinquenta e três artefactos estudados, por conjuntos culturais: Neolítico Final (Camada 4); Calcolítico Inicial (Camada 3); e Calcolítico Pleno (Camada 2).

Outro conjunto de pequenas estatuetas de barro, também coevas da primeira ocupação de Leceia, caracterizam-se por corpos cilíndricos e cabeças achatadas, renunciando o modelo que, tanto no Calcolítico Inicial como no Calcolítico Pleno, se viria a produzir de forma generalizada em calcário, constituindo deste modo um elemento seguro para admitir a sua génese local, e não como resultado de influência exógenas, de origem mediterrânea.

No entanto, a clara preferência pelo calcário no decurso do Calcolítico, rocha a que, na Estremadura, se recorreu de forma quase exclusiva para a confecção dos numerosos exemplares conhecidos, tanto em número, como em variedade formal, leva a admitir que terá existido uma razão supra-regional na sua preferência, a qual é também comum, na mesma época, ao levante peninsular e ao Mediterrâneo Oriental. Sendo certa a existência de contactos, ainda que efectuados de forma indirecta entre as duas áreas extremas deste grande mar interior, no decurso do Calcolítico – como se demonstra pela recente identificação de marfim de elefante indiano em artefactos recolhidos em certas sepulturas de Los Millares (SCHUHMACHER & CARDOSO, 2007) – ainda não se encontra cabalmente esclarecida as modalidades de tal processo.

Outra conclusão interessante, só possível pelo registo estratigráfico associado à colecção em apreço, é a da correspondência da maioria dos cilindros de calcário que o integram ao Calcolítico Pleno, época em que se pode situar a generalização do gosto por tal matéria-prima. Com efeito, dos treze cilindros de calcário (incluindo os dois correspondentes ao aproveitamento de hastes de crinóides jurássicos), onze provêm de ocupações do Calcolítico Pleno. A reforçar esta conclusão, é de notar que os quatro exemplares decorados são todos desta fase cultural. Destes, um merece destaque pela notável representação do triângulo púbico feminino que ostenta, numa clara alusão ao sexo da deusa. Dos três restantes, com as comuns tatuagens faciais representadas por incisão numa das extremidades, um possui a particularidade de ostentar marcas de percussão naquela extremidade, mutilando parte da decoração, indício de ter sido reutilizado como pilão, perdida a carga simbólica original. Tal situação contrasta com o restauro de peças de calcário de contextos da Estremadura da mesma época, ou com o reaproveitamento dos respectivos fragmentos, depois de acidentalmente fracturadas, indício de terem mantido a sua importância como objectos culturais.

A iconografia presente nestes cilindros tem paralelo em outros tipos de suportes; destes, destaca-se um recipiente de utilização ritual, comparável ao notável vaso recolhido no *tholos* do Monte do Outeiro, Aljustrel e a outros oriundos do norte de Portugal, numa afirmação da vasta distribuição da representação da Deusa calcolítica, por todo o actual território português.

Por outro lado, a abundância destas peças em contexto doméstico – de que é paradigma o povoado fortificado de Vila Nova de São Pedro – mostra que a sua produção se efectuava localmente, nos espaços habitados de maior importância destinando-se não só a serem utilizados em depósitos funerários como, certamente em pequenos altares existentes nas habitações ou em recintos colectivos existentes no interior deste e de outros povoados congêneres.

Com efeito, se um grande exemplar inacabado ilustra a manufactura destas estatuetas nos principais povoados calcolíticos da região, a existência de outro, fracturado e com evidentes marcas de fogo, comprova a sua utilização doméstica dentro da área habitada são em geral de pequenas dimensões, contrastando com alguns grandes exemplares oriundos de necrópoles coevas, indício que poderiam existir diferenças entre a natureza dos cultos praticados nos dois tipos de locais.

Interessantes são os casos de bordos de dois recipientes de uso comum, que, numa determinada fase da sua utilização foram ritualizados pela gravação, no lábio espessado, depois da cozedura, do triângulo púbico feminino, um dos atributos da Deusa, também presentes em outros artefactos do quotidiano, como o ídolo de calcário acima referido ou os pesos de tear calcolíticos, recuperados no povoado fortificado de Outeiro Redondo, Sesimbra e ainda inéditos (escavações do signatário). Tal significa que, mesmo actividades então desenvolvidas em contex-

to doméstico, poderiam deter uma conotação ritual, no caso associada às tarefas femininas e aos seus segredos, como a fiação do linho e sua ulterior tecelagem.

Próximo dos pequenos cilindros, é o grupo das “baguettes”, pequenas peças alongadas de secção achatada, cuja ocorrência só em Leceia foi até agora devidamente sublinhada, com ocorrência tanto no Calcolítico Inicial, como no Calcolítico Pleno; além de estarem representados exemplares de osso, conhecem-se exemplares de calcite translúcida muito bem polidos, favoráveis à sua atribuição a artefactos ideotécnicos.

Exclusivas ao Calcolítico Pleno são as três falanges de cavalo afeixoadas por polimento, das quais uma, reduzida a pequeno fragmento, se apresenta gravada; a estas, soma-se uma primeira falange de veado, de menores dimensões, possuindo dois sulcos perimetrais junto de uma das extremidades, isolando a cabeça do corpo do objecto, e facilitando a sua suspensão, de um fio ou tira de couro, podendo constituir amuleto.

A ocorrência de tais exemplares abarca a Estremadura e o sul de Portugal, prolongando-se pela Andaluzia; obtidas em cavalos provavelmente ainda selvagens, a eleição destas peças encontra-se justificada pela sua forma natural ser antropomórfica. As decorações que algumas destas estatuetas ostentam não se afastam dos cânones presentes noutros tipos de suportes: grandes olhos radiados, sobrancelhas, tatuagens faciais, por vezes acompanhados de outros caracteres antropomórficos ainda mais explícitos como os braços e as mãos ou a ainda a representação do triângulo púbico feminino, que reforça a sua conotação com a Deusa calcolítica.

Considera-se ainda um grupo de artefactos cuja conotação com práticas culturais é discutível. Trata-se dos chamados “ídolos de gola” ou de “tipo garrafa”, pequenos cilindros de osso ou marfim cuja extremidade superior, que é achatada ou inclinada, se encontra individualizada do corpo por um sulco ou canelura, sublinhando o seu aspecto antropomórfico. A alternativa a esta interpretação, de há muito apresentada, e recentemente retomada, seria a de constituírem adornos corporais, com base em paralelos etnográficos actuais ou sub-actuais. Tal interpretação apresenta uma dificuldade, sobretudo nos exemplares em que a canelura ou sulco não possui suficiente profundidade para garantir, por si só, a fixação, acrescida ainda pelo facto de a extremidade superior não possuir um diâmetro superior ao corpo das peças, conforme se observa na generalidade dos exemplares, os de Leceia incluídos.

Por último, importa mencionar os pequenos recipientes de calcário que se podem integrar também no conjunto dos artefactos culturais, pela matéria-prima em que são utilizados e pela sua forte presença em contextos funerários, tanto da Estremadura como do sul de Portugal. Repartem-se em dois grupos bem diferenciados: o primeiro, corresponde a pequenos almofarizes de forma padronizada, presentes em área geográfica alargada, incluindo todo o sul de Portugal; neles seriam preparadas substâncias utilizadas em práticas culturais. O segundo integra exemplares de paredes finas; mais fundos que os anteriores, destinavam-se a conter as substâncias previamente preparadas nestes, antes da sua utilização. Os dois grupos encontram-se, pois, claramente interligados, quanto à sua funcionalidade; certamente não por acaso, as quatro peças recolhidas em Leceia provêm, sem excepção, de contextos do Calcolítico Pleno.

Em conclusão, as estatuetas e outros artefactos de carácter cultural recolhidos no povoado pré-histórico de Leceia, documentam as práticas religiosas ali desenvolvidas entre a segunda metade do IV milénio e a segunda metade do III milénio a.C.

De início, ocorrem representações zoomórficas de cunho feminino, eventualmente associadas a masculinas, logo substituídas, no decurso do Calcolítico, por representações de carácter exclusivamente feminino, o associadas ao princípio da fecundidade, mas também da vida e da regeneração – daí que ocorram predominantemente em necrópoles –, documentando a omnipresente Deusa-Mãe, comum a todas as sociedades agro-pastoris da bacia do Mediterrâneo. Esta encontra-se representada sob as mais diferentes formas e matérias-primas, mas sempre com atributos permanentes e comuns a todas elas.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1980, 1981) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal) Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brás. 1ª Parte. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 90, p. 211-304. 2ª Parte. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 91, p. 120-233.
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia – resultados das escavações realizadas*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 146.
- CARDOSO, J. L. (1995a) – Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 251-261.
- CARDOSO, J. L. (1995b) – Os ídolos-falange do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 213-232.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras, Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras, p. 128.
- CARDOSO, J. L. (2002) – Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado no quadro do Calcolítico do sul peninsular. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 20, p. 61-76.
- CARDOSO, J. L. (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M. & FERREIRA, O. da VEIGA (1987) – Nota acerca de uma conta – amuleto encontrada no “tholos” da Tituaria (Mafra). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 5, p. 89-99.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M. & FERREIRA, O. da VEIGA; NORTH, C. T.; NORTON, J.; MEDEIROS, J. & SOUSA, P. Fialho de (1996) – O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1973) – *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- GOMES, M. Varela (2005) – O sagrado em Vila Nova de São Pedro. Antigas e novas perspectivas. *In Construindo a Memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo* (J. M. ARNAND & C. V. FERNANDES, coord.). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 165-178.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – Dois novos ídolos tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 47-60.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982/1983) – Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*. Mem Martins. 1-2 (1), p. 29-57.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) – A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, p. 107-140.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- JORGE, S. Oliveira (1986) – *Povoados da Pré-história recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar, II*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- LEISNER, G. (1945) – A cultura eneolítica do sul da Espanha e suas relações com Portugal. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 1, p. 11-28.

- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil. Der Süden*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Römische – Germanische Forschungen; Band 17).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 8 – Nova Série).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da VEIGA (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 16 – Nova Série).
- PAÇO, A. do (1966) – Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. Série II, 16, p. 117-152.
- PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1938) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 1ª e 2ª campanha – 1937 e 1938. *Brotéria*. Lisboa, p. 46 (Separata).
- RIBEIRO, C. (1880) – *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos. II – Monumentos megalithicos das vizinhanças de Bellas*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, p. 86 (separata).
- RODRIGUES, M. C. M. & MACIEL, M. J. (1997) – Cilindros de calcário descobertos em Moncarapacho (Algarve). *Estudos Orientais*. Lisboa, 6, p. 21-31 (Homenagem ao Professor António Augusto Tavares).
- SANTOS, M. Farinha dos & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3, p. 37-62.
- SCHUHMACHER, T. X. & CARDOSO, J. L. (2007) – Ivory objects from the Chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 15, p. 95-118.
- SEGURADO, J. (1970) – *Francisco d'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior.
- SIRET, L. (1907) – Orientaux et occidentaux en Espagne aux temps préhistoriques. *Revue des Questions Scientifiques*. Bruxelles, p. 87 (Extrait).
- VIANA, A., FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1961) – Um túmulo de “tipo alcalarense” nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 71 (3/4), p. 247-254.